

LUIS SEPÚLVEDA  
DANIEL MORDZINSKI

ÚLTIMAS  
NOTÍCIAS DO SUL

Tradução de Henrique Tavares e Castro

## Sobre este livro

Uma tarde de 1996, bebendo um chá-mate em Paris, nasceu a ideia deste livro. Com Daniel Mordzinski, meu «sócio» em tudo aquilo que se segue, tínhamos vontade de superar a relação de eterno concubinato texto-fotografia que nos levava pelo vasto mundo fazendo reportagens para revistas e jornais, pois sempre se tratava de encomendas limitadas na sua extensão, quantidade de fotos e, muitas vezes na hora de serem publicadas, sujeitas a vontades que oscilam entre o politicamente correto e o medo a perder o emprego. A moderna censura exercida, não por receio do desemprego mas de se ser «desincorporado do mercado», não proíbe, mas risca, corta, «edita» em nome de uma submissão cobarde, de uma prudência pusilânime.

Assim, um dia, largámos para o Sul do mundo, para ver o que descobríamos por essas paragens. O nosso itinerário era muito simples: a viagem começava em San Carlos de Bariloche, por razões de logística, a partir do paralelo 42° Sul, sempre em território argentino descíamos até ao cabo Horn, e regressávamos pela Patagónia chilena até à ilha de Chiloé. Uns três mil e quinhentos quilómetros, mais ou menos, e, apesar da sua singeleza, esse itinerário não deixava de ter o

selo dos viajantes ingleses, que viajam sempre para confirmar uma hipótese, e se esta não se ajusta à realidade que encontram, pois então pouca sorte para a realidade. A nossa sustentava que seríamos capazes de percorrer aquela distância nessa viagem, mas tudo o que vimos, ouvimos, cheirámos, comemos, bebemos mal nos pusemos em marcha disse-nos que apenas conseguiríamos percorrer algumas centenas de quilómetros ao cabo de um mês, e, como não somos ingleses, esquecemos a hipótese condenada à partida.

Poucas semanas após regressarmos à Europa, o meu sócio entregou-me uma pasta com belas fotografias, e nunca mais voltámos a falar do livro. O que vimos e vivemos no Sul transformou-se em tema de conversa com os amigos, a companhia dele e a minha conhecem ao pormenor muitas das histórias daqueles dias de mochila e vento, os filhos dele e os meus ouviram atentos estes dois veteranos de viagem, e talvez sejam eles a retomar a senda. Nunca mais falámos do livro, porque o meu sócio acha que os livros são uns bichos muito estranhos, imprevisíveis, e que há histórias que preferem ser contadas ao calor de um vinho, gostam de se acomodar de mil maneiras na boca de quem as narra, até que chega o momento em que elas e só elas decidem ser palavras no papel.

Os meus livros sempre se ordenam sozinhos, a sua ordem é aleatória, anárquica, porque não querem ser a memória do autor, querem ser a memória coletiva e vão-se escrevendo como o ar puro e límpido que as melhores pessoas defendem com todo o seu afã.

Cada uma das histórias que se seguem está, seguramente, nimbada pelo hálito do inexoravelmente perdido, por esse «inventário de perdas» de que falou Osvaldo Soriano e que representa o preço cruel da nossa época. Enquanto fazíamos o trajeto, sem rumo fixo, sem tempo fixo, sem bússola nem



ardis, essa formidável mecânica da vida que acaba por reunir os semelhantes levou-nos a encontrar muitos daqueles «bárbaros» a que alude o poema de Konstantinos Kavafis. Os seus sonhos foram temíveis e por isso os aniquilaram ou enviaram para os territórios longínquos fixados para os «bárbaros», mas mesmo assim os seus sonhos continuaram a semear insónias entre os senhores do poder que lembraram o perigo do regresso dos «bárbaros», de tal modo que a ameaça se converteu em obsessão e nos bancos foram dadas ordens para desacreditar os «bárbaros», meia dúzia de incapazes de pensar por si só escreveram livros sobre a «idiotice dos bárbaros», e eles responderam plantando florestas, imaginando uma alternativa à desumanização do sistema imperante, organizando a vida para que viver fosse alguma coisa mais do que um verbo.

Assim, bebendo chá-mate com eles, com os «bárbaros», vimos como a aurora austral escrevia com caligrafia elétrica os últimos versos do poema de Kavafis: *Porque é já noite, os bárbaros não vêm / e gente recém-chegada das fronteiras diz que não há mais bárbaros. / Sem bárbaros o que será de nós? / Ah! eles eram uma solução.* Estranhos bichos, os livros. Este decidi a sua forma final há quatro anos, quando, ao voar sobre o estreito de Magalhães numa frágil avioneta que oscilava ao sabor do vento, enquanto o piloto insultava as nuvens que o impediam de ver onde raios estava a pista de aterragem e os pontos cardeais eram uma referência absurda, o meu sócio lembrou que lá em baixo se encontravam algumas das histórias e fotografias que nos faltavam.

E assim aconteceu, de facto. Regressámos à Europa, ele a França e eu a Espanha, e uma vez mais o livro deixou de ser o tema que nos ocupava. O que o meu sócio sempre ignorou foi que este livro que ia escrevendo lentamente era o meu refúgio,



o lugar a que retornava sempre que me sentia bem, porque são assim as viagens felizes à memória.

Um dia decidi que a redação final estava pronta e chegara a hora do adeus. Não existe nada mais penoso do que pôr o ponto final a uma história ou a uma série de histórias que amamos. É uma despedida definitiva. Não mais se regressa à felicidade dessas páginas que vão ganhando vida.

Este livro nasceu como a crónica de uma viagem realizada por dois amigos, mas o tempo, as mudanças violentas da economia e a voracidade dos triunfadores transformaram-no num livro de notícias póstumas, no romance de uma região desaparecida. Nada do que vimos existe agora tal como o conhecemos. De certo modo fomos os afortunados que presenciaram o fim de uma época no Sul do Mundo. Desse Sul que é a minha força e a minha memória. Desse Sul a que me aferro com todo o amor e com toda a raiva.

Estas são, pois, as últimas notícias do Sul.



